



Diretora Lana Wilson (*Senhorita americana*) nunca visitou um médium antes de filmar *Olhe nos meus olhos* documentário produzido pela A24 sobre um grupo de clarividentes de Nova York. A sua perspectiva é de uma investigação suave, mas o filme acaba por ir muito além da mera curiosidade, produzindo um trabalho profundamente ressonante sobre as formas como as pessoas lidam com tudo, desde a dor ao nihilismo climático.

Mesmo que você veja os médiuns canalizadores de espíritos como golpistas e artistas de merda, é difícil não sair mudado. *Olhe nos meus olhos* não procura expor nem reafirmar a profissão, mas sim, através de sugestão e implicação, explora essas pessoas e o que elas fazem. No processo, chega-se a uma compreensão empática de *por que* - mesmo que os próprios sujeitos não consigam ver o quadro geral.

Também é incrivelmente auto-reflexivo. O filme não apenas enquadra as leituras psíquicas como uma espécie de forma de arte, mas também começa a imitar e incorporar sutilmente seu escopo emocional. À medida que avança, a abordagem estética de Wilson começa a se transformar, moldando sua lente narrativa de maneiras poderosas, resultando em um dos documentários mais inesperadamente comoventes deste ano.

O que você vai ler:



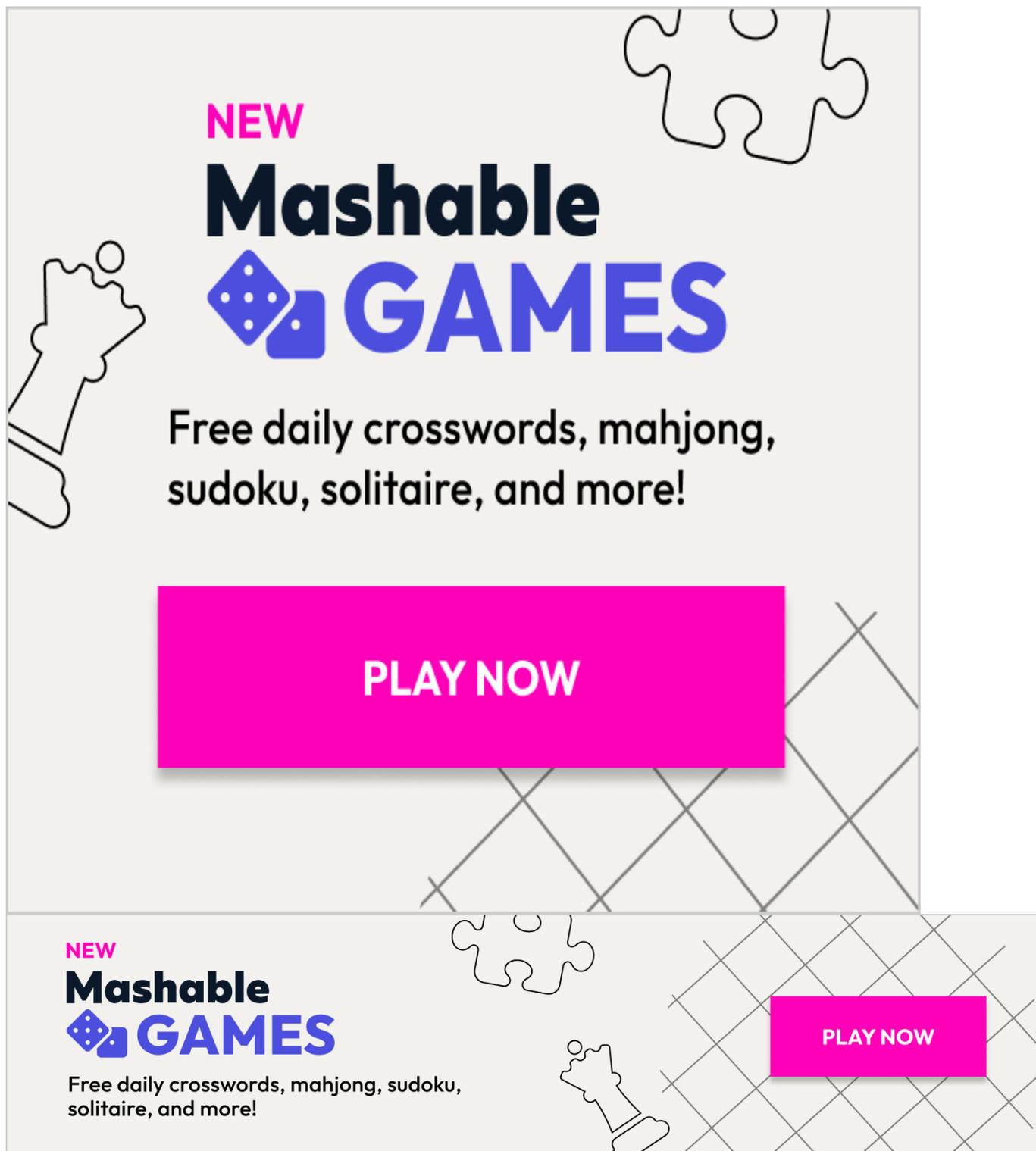
- [O que é Olhe nos meus olhos sobre?](#)
- [Olhe nos meus olhos compara leituras psíquicas à arte e terapia.](#)
- [Olhe nos meus olhos é uma leitura psíquica cinematográfica.](#)

## **O que é *Olhe nos meus olhos* sobre?**



Crédito: A24

O filme começa, como faz a maioria dos documentários tradicionais, com uma série de entrevistas com talk-heads. No entanto, a sua abordagem a esta norma cinematográfica é claramente não tradicional. Em vez de cortar para montagens ou filmagens para um contexto mais amplo, ele permanece preso a cada um desses segmentos em close-ups longos e ininterruptos, permitindo que esses sujeitos secundários - aqueles que buscam leituras psíquicas - desabafem sobre a mesa de vários médiuns autoproclamados. Alguns desses clientes buscam soluções para problemas cotidianos, como a falta de motivação diante de um mundo em rápida mudança. Outros falam de maneira estranha e indireta sobre eventos traumáticos do passado; uma enfermeira de meia-idade se lembra de ter visto uma jovem morrer devido a um tiro na cabeça 20 anos antes, perguntando casualmente à sua vidente: “Como ela está?” Seria absolutamente estranho se não tivesse um tom tão coloquial.



**NEW**  
**Mashable**  
**GAMES**

Free daily crosswords, mahjong, sudoku, solitaire, and more!

**PLAY NOW**

**NEW**  
**Mashable**  
**GAMES**

Free daily crosswords, mahjong, sudoku, solitaire, and more!

**PLAY NOW**

VEJA TAMBÉM:

'Eternal You' revela como os chatbots de IA pretendem ressuscitar os mortos

A produção passou meses explorando possíveis participantes com ofertas de longas leituras nas ruas antes de juntá-los a cada médium, nenhum dos quais recebeu informações sobre seus clientes antes de conhecê-los. Essa tomada de decisão nos bastidores nunca é mostrada, mas o processo de seleção invisível faz parte do truque do filme. O truque aí contido não cria ficção, mas sim desenterra e acentua o drama existente e profundamente arraigado na vida das pessoas. O quadro persiste em perguntas carregadas como “Como ela está?” apenas o tempo suficiente para que possamos processá-los antes de passar rapidamente para o próximo cliente, o próximo clarividente e o próximo espaço acolhedor, íntimo e pouco iluminado (cortesia do diretor de fotografia Stephen Maing). No entanto, durante quase a primeira meia hora, ele [mal](#) nos mostra os rostos de seus muitos médiuns.



Wilson ainda não nos deixa olhar nos seus olhos, mas constrói o seu contexto através do seu ponto de vista. Esses numerosos closes frontais de clientes ávidos por respostas, dispostos a desembolsar dinheiro por alguma aparência de encerramento, são a realidade cotidiana de cada médium, vista através de seus próprios olhos. Tudo o que vemos deles inicialmente, enquanto realizam suas leituras, são breves fotos de perfil que os envolvem em sombra e mistério.

Isso faz parecer que os temas do filme são pessoas que buscam respostas de médiuns e de seus semelhantes. Isso pode até ser inicialmente verdade; algumas dessas entrevistas fecham o círculo para um lugar de catarse comovente. No entanto, o objetivo é encontrar rapidamente o valor do que esses médiuns fazem, apresentando-o em termos emocionais à medida que seus clientes lhes agradecem ou caem em prantos. Isso ajuda imensamente quando o filme muda repentinamente e retrata as raras leituras que deram errado, onde algumas das interpretações dos médiuns (de vibrações, ou espíritos, ou o que quer que seja) levam a expressões perplexas de seus clientes. Dados os resultados positivos, o filme *faz* presente, que eles finalmente entendam algo errado parece profundamente lamentável, em vez de uma chance de zombaria.

A partir daí, os próprios médiuns finalmente ganham [destaque](#) como verdadeiros sujeitos do documentário. A câmera segue esses personagens vívidos para casa e para o trabalho, e através de suas provações mais mundanas e familiares, humanizando-os de maneiras que tornam a questão “O que eles fazem é real?” ambos altamente irrelevantes e totalmente fora do objetivo do filme.

A questão que levanta parece quase acidental, mas inteiramente presciente: até que ponto as leituras psíquicas são uma espécie de arte performática?

***Olhe nos meus olhos compara leituras psíquicas à arte e terapia.***



Crédito: A24

A maneira como o filme desenrola as informações é quase cômica no papel. À medida que cada médium se apresenta em seus espaços privados – particularmente memorável é um homem gay branco do Sul, cujo apartamento é apertado e bagunçado – não demora muito para que eles comecem a falar sobre [filmes](#), seguidos de teatro, música e outras formas de arte, em que estão profundamente investidos. Alguns deles são antigos ou atuais dramaturgos. Alguns gostam de cantar. Outros gostam de fantasiar-se, enquanto alguns até continuam a fazer testes para papéis na TV, tendo estudado atuação na pós-graduação.

Notícias principais do Mashable

Em nenhum momento o filme comenta explicitamente sobre isso, mas isso surge como um relógio durante quase todas as entrevistas e geralmente é telegrafado pelos pôsteres de filmes clássicos nas paredes de cada médium. Uma mulher, natural do Queens, que afirma canalizar os espíritos dos animais de estimação das pessoas (vivos e mortos), presenteia o público com histórias de como o cinema de John Waters a ajudou a se descobrir como uma estranha. Outro médium relembra ter assistido seu filme favorito com seu irmão falecido e começa a chorar. Em pouco tempo, até mesmo a divertida previsibilidade de cada entrevista leva a algo emocionalmente revelador.

Será que estes médiuns veem uma ligação entre o seu amor pelo cinema e pela arte performática e a sua propensão para leituras espirituais? Alguns sim – alguém compara isso



à sua experiência em improvisação e compara os impulsos emocionais de ambas as formas – mas na maioria das vezes, *Olhe nos meus olhos* aponta para a possibilidade de serem atraídos para leituras psíquicas como meio de expressão, mas não força uma conclusão didática sobre o porquê. A realidade logística do que fazem não é tão vital, no âmbito do filme, como a sua realidade emocional, que é terapêutica – para os seus clientes e, em muitos casos, para eles próprios.

Como é o caso da terapia real, há também um componente racial em algumas das leituras, argumentando que as experiências e perspectivas pessoais de cada médium (muito parecidas com as dos terapeutas) podem ajudar a compreender melhor os clientes ou pacientes. Um médium branco concebe o trauma de uma mulher negra apenas através das lentes da cultura pop, enquanto um médium negro de meia-idade se conecta com seu jovem cliente negro através de uma compreensão mais sutil de seu lugar na América branca. Da mesma forma, uma mulher sino-americana adotada por pais brancos procura respostas espirituais sobre pertencimento e as encontra à mesa de um médium asiático-americano que foi adotado de forma semelhante. Vários desses pares de clientes psíquicos parecem fadados e, embora seja difícil saber quanto disso foi coincidência e quanto foi pesquisa e planejamento da produção, os resultados parecem inesperados e satisfatórios para ambas as partes da mesa.

As leituras em si são precisas? Alguns podem ser, embora geralmente sejam gerais o suficiente para depender de interpretação, como uma profecia de Nostradamus. Se você entrar *Olhe nos meus olhos* como um crente na clarividência, você provavelmente terá essa crença refletida de volta para você, assim como os céticos podem se apegar ao aspecto mais performativo dessas leituras, ou às poucas que estão erradas. No entanto, ver a forma como a história de cada médium se desenrola, entre a procura de significado nas suas próprias vidas e as formas como tentam dar sentido ao mundo, torna discutível qualquer sentido de investigação jornalística. *Olhe nos meus olhos* é pura sensação.

O filme também é uma isca travessa de Wilson, que usa suas transformações visuais e narrativas para voltar as lentes dos médiuns para si mesmos – e as lentes do filme também para si mesmos.

***Olhe nos meus olhos* é uma leitura psíquica cinematográfica.**



Crédito: A24

O filme eventualmente evolui para uma reunião íntima com vários médiuns em espaços privados enquanto eles desabafam; isso reflete perfeitamente seu longo prólogo, a meia hora inicial ou mais em que vários clientes fazem o mesmo. Durante essa introdução prolongada, os médiuns raramente são vistos ou ouvidos e, uma vez que a câmara encontra o olhar dos seus clientes, incorpora essencialmente o próprio ponto de vista dos médiuns, concedendo-lhes uma sensação de controlo narrativo.

Mas no momento em que Wilson começa a focar nos médiuns como sujeitos diante da câmara - no instante em que a lente investiga mais e mais profundamente do que uma foto de perfil - essa sensação de controle à mesa, durante suas leituras, é praticamente eliminada. Eles se tornam não apenas os temas centrais do filme, mas em sua linguagem visual, tornam-se semelhantes aos seus clientes, perdidos em busca de respostas para questões dolorosas em suas vidas pessoais.

Alguns chegaram à profissão como forma de canalizar e lidar com a morte de pessoas que amavam. Outros nem sequer acreditam plenamente na veracidade do que fazem, mas continuam a fazê-lo mesmo assim, como se fosse uma missão espiritual. Tal como na sua apresentação inicial, a própria cineasta nunca é vista e só é ouvida ocasionalmente, mas através da mera sugestão da sua presença, torna-se difícil não perguntar como se sente em relação a cada assunto, e até que ponto os pode estar a julgar, ou até mesmo manipulá-los. A certa altura, um jovem médium descobre conhecer a pessoa falecida para quem um cliente solicita uma leitura, e ambas as partes ficam fascinadas pela sensação de



coincidência cósmica, mas a questão de saber se isso foi planejado por Wilson em algum nível continua a persistir. .

Desta forma, *Olhe nos meus olhos* torna-se semelhante a uma leitura psíquica da maneira mais emocionalmente íntima, praticamente forçando crentes e céticos a compreender algo fundamental sobre o ato de clarividência, sem necessariamente dar crédito à crença ou ao ceticismo. Os médiuns falam constantemente sobre os impulsos emocionais que sentem durante essas leituras, que por sua vez intuem. Quer seja estritamente “real” ou não, este é um tipo de compreensão sem palavras que emana de dentro deles e está enraizada nas suas próprias experiências vividas. E assim, ao virar a dinâmica do filme de cabeça para baixo – ao “ler” os sujeitos psíquicos, por assim dizer – Wilson praticamente força os espectadores de todos os matizes a intuir de forma semelhante informações emocionais sobre suas vidas interiores, com base em pistas e sugestões visuais. O filme praticamente nos incita a seguir a mesma lógica emocional que eles empregam, o que os leva a grandes conclusões sobre o destino das pessoas e o seu lugar no mundo.

Os pôsteres de filmes ao fundo, nas paredes dos médiuns, significam tudo – ou [nada](#)? Nenhum pouco de diálogo em *Olhe nos meus olhos* empurra os espectadores para uma resposta de uma forma ou de outra. O filme não apresenta cenas inseridas de objetos ou detalhes ambientais que sugiram sinceridade ou ironia em sua produção. O único contexto que oferece são as próprias pessoas e o quão profundamente elas se sentem. No processo, se Wilson acredita ou não em seus assuntos permanece obscuro. O filme nunca inclina a mão. Não há como dizer. Em vez disso, permanece ligado aos seus sujeitos durante a maior parte do seu tempo de execução, olhando continuamente nos seus olhos para que possamos estabelecer ligações instintivas com eles e compreender melhor a sua dor e isolamento, através de uma interpretação cinematográfica para além das palavras.

*Olhe nos meus olhos* agora está transmitindo no Max.

**ATUALIZAÇÃO: janeiro 9 de outubro de 2025, 13h08 EST** Esta análise foi publicada pela primeira vez em 6 de setembro de 2024. Ela foi atualizada para refletir as opções de streaming.